OS

A própria Câmara Municipal tem na cave uma residência romana

Mértola é vila museu. Logo que se entra na localidade encontra-se este elucidativo cartaz

É vastíssimo o espólio arqueológico existente na vila. Estes achados encontram-se ainda em regime laboratorial

durante a Primavera de 1978: a primeira cavadela, com objectivos arqueológicos, feria o solo no [illegible] de Mértola. O resto veio a [illegible], com rapidez.

[Foi] um começo que, para muitos, se chamava recomeçar. Esses lembravam que um século antes, em Março de 1877, por ali andou o arqueólogo Estácio da Veiga, em pesquisas científicas. O que se fazia em 1978 era, pois, agarrar no seu legado de conhecimentos e, com mais meios, e reforçada vontade, arrancar do solo os segredos históricos que a terra amortalhou durante tanto tempo.

Na cave do edifício camarário está presente o passado: as ruínas de uma residência romana vão servir de museu

Nos primeiros anos as explorações arqueológicas em Mértola tiveram como vértice o entusiasmo de um filho da terra, Serrão Martins, que a morte levou em 1982, apenas com trinta e oito anos de vida. Mas outros agarraram no leme com o mesmo entusiasmo do desaparecido, e numa década muito foi feito. A Câmara Municipal entrou no mesmo barco e, investindo no património cultural, não só dignificou a cultura local mas fixou a camada jovem à sua terra, beneficiando economicamente a população.

Para que isso fosse possível multiplicou os incentivos às actividades científicas e culturais, patrocinando a actividade da Associação de Defesa do Património, entretanto criada, nunca negando o seu apoio a qualquer iniciativa que tivesse por finalidade o engrandecimento cultural do concelho. Pode dizer-se que essa invulgar acção culminou no passado dia 14 de Março, quando finalmente o Campo Arqueológico de Mértola (CAM) se constituiu, oficialmente, como associação cultural e científica.

Foi deste modo, com a Câmara Municipal a apoiar incondicionalmente as iniciativas culturais, pondo ao seu dispor, nomeadamente, 12 por cento do seu orçamento, que Mértola se transformou no mais importante centro de investigação científica portuguesa, com excepção dos de Lisboa e do Porto, passando a beneficiar, dada a sua reconhecida importância, de financiamentos nacionais e internacionais. Referimos, por exemplo um, o da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), no montante de 27 mil contos, destinado à aquisição de grande parte do equipamento necessário para o tratamento, reconstituição e preservação dos achados arqueológicos de reconhecida importância científica, nomeadamente do espólio arqueológico muçulmano mais importante do mundo, pois ele encontra-se em Mértola.

Futuro museu já tem muito para mostrar

Quem desce os poucos degraus que separam o átrio da Câmara Municipal da sua cave, onde funcionará, a partir de 24 de Junho o Núcleo Romano do Museu de Mértola, já tem muito para ver.

No que foi o pátio de acesso à residência do rico comerciante romano ergue-se uma estátua, pouco mutilada, e perto dela encontra-se um documento em pedra que, curiosamente, fala de duas épocas: trata-se de uma estátua romana onde, numa das faces, foi esculpido um escudo português.

Mas o que mais atrai a curiosidade dos visitantes é a cobertura, em pedra, de uma sepultura romana do século Segundo. Junto dela encontra-se a tradução do epitáfio gravado no granito: "Consagrado aos deuses Manes aqui jaz Mia Lupiana. Viveu vinte e um anos. Que a terra te seja leve. Liburnio Viter mandou erigir este monumento."

A cave não está ainda completamente preparada para alojar as descobertas arqueológicas que constituirão o Núcleo Romano do Museu. Decorrem neste momento os trabalhos para a instalação da electricidade e da aparelhagem de renovação do ar, e só depois destes trabalhos concluídos para ali serão transferidos os muitos objectos achados nos últimos dez anos de trabalhos. Estes, devido à sua importância científica, estão a atrair a Mértola investigadores das mais variadas nacionalidades.

O solo ainda esconde segredos

Mas as escavações arqueológicas estão muito longe do seu termo. Além das que continuam a ser efectuadas no Castelo, e em outros locais da cidade, destacam-se as que decorrem no Rossio do Carmo, zona da vila onde se localiza a escola primária. Além destas, outras escavações terão início no dia 22 deste mês perto de Alcaria Longa. Estas fazem parte de um projecto de colaboração, que envolve o Campo Arqueológico de Mértola e investigadores americanos e canadianos.

De notar, contudo, que as escavações em Alcaria Longa são as primeiras, desde 1978, que o "CAM" realiza fora do perímetro da vila. Elas foram influenciadas pelo interesse manifestado por um grupo de investigadores das Universidades de New México (Estados Unidos da América) e de Montreal (Canadá) a que a Câmara Municipal deu apoio.

No que se refere às escavações em curso no Rossio do Carmo, já no princípio do século passado, o valor arqueológico daquela zona de Mértola atraíra a atenção de alguns arqueólogos. Um deles, Estácio da Veiga, deslocou-se à localidade, atraído pelo aparecimento de alguns vestígios arqueológicos deixados a descoberto pela grande cheia do rio Guadiana, registada em 1876.

Nessa altura foram encontradas pedras tumulares, as quais foram levadas para o então Real Museu de Arqueologia e Belas Artes de Lisboa.

Com fundamento nessa descoberta, o Campo Arqueológico de Mértola empreendeu, a partir de 1981, escavações no local, tendo descoberto, como se mostrava previsível, as ruínas de uma basílica paleo-cristã, provavelmente do século V. Mais tarde, em 1984, foi completada a escavação até onde era possível (junto do muro da escola), ficando grande parte da basílica por descobrir, presumindo-se que as suas ruínas continuariam sob o átrio do estabelecimento de ensino. A burocracia travou a seguir o processo, que agora foi desbloqueado.

Assim, exactamente como aconteceu com as ruínas da residência do rico comerciante romano, que hoje se encontram sob o edifício da Câmara Municipal mas que podem ser visitadas, também as ruínas da basílica paleo-cristã atrairão visitantes: o Campo Arqueológico de Mértola encomendou a um arquitecto a elaboração de um projecto, que já se encontra concluído, para a construção de um museu no local. Deste modo o átrio da escola não será reduzido. Uma vez construído o museu o pátio prolongar-se-á por cima da construção, exactamente com as mesmas dimensões que possuía, e muito valorizado.

Segundo os responsáveis pela iniciativa, o trabalho preparatório deverá estar concluído até finais de Agosto, sendo as obras iniciadas em Setembro.

Colaboração com o mundo da ciência

Tudo isto ofereceu a Mértola uma merecida importância no campo científico. Sede de um concelho que há quarenta anos possuía 28 mil habitantes e que hoje o seu número de almas não ultrapassa as 11 mil, toda a região está a atrair, cada vez mais, não apenas a curiosidade nacional mas igualmente a de diversos países. Vejamos alguns exemplos:

Em Novembro do ano findo um conjunto de oitenta e cinco peças arqueológicas da época muçulmana (séculos VIII a XI), todas

6.3.88 CM 31

elas tratadas e restauradas no laboratório de cerâmica do Campo Arqueológico de Mértola, foram expostas em Lisboa, no âmbito da Primeira Exposição de Cerâmica Islâmica Portuguesa, que decorreu em conjunto com o IV Congresso de Cerâmica Medieval, tendo este congresso, que se realiza de três em três anos, e que nas edições anteriores teve lugar em Valbonne (França), Toledo (Espanha) e Sienna (Itália), contado com a presença de duzentos congressistas, entre eles os maiores especialistas em arqueologia do sul da Europa.

Mais recentemente, em Fevereiro, uma versão reduzida daquela exposição foi apresentada em Rabat (Marrocos). As peças ali apresentadas eram datadas do período da ocupação marroquina da Península Ibérica (séculos XI e XII). Esta foi, segundo nos disseram os organizadores, a primeira etapa de um processo de cooperação, ao nível da arqueologia, entre o Campo Arqueológico de Mértola e o Ministério dos Assuntos Culturais de Marrocos.

A finalizar, acrescentaremos, ainda, serem muitos os contactos de cooperação científica mantidos entre o Campo Arqueológico de Mértola e diversas universidades e institutos científicos nacionais e estrangeiros, que se dedicam ao mesmo tipo de pesquisas. Referiremos alguns:

Em Portugal o CAM mantem colaboração científica com a Universidade Nova de Lisboa, com o Centro de Estudos Geográficos, com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e com a Universidade do Algarve.

No que se refere ao estrangeiro esses contactos são mantidos com o Instituto Hispano-Árabe de Cultura e com a Casa Velasquez (ambas de Espanha), com a Universidade de Sienna (Itália), com a Universidade de Aix-en-Provence, e com a Maison de l'Orient Méditerranéen de Lyon (ambas em França), com a Universidade de Fez e com a Faculdade de Letras de Rabat (ambas em Marrocos), com a Universidade do Novo México (nos Estados Unidos da América) e com a Universidade de Montreal (no Canadá).

Depois de tudo isto, leitor, alguém pode duvidar da riqueza arqueológica que a bonita e típica vila de Mértola possui, alcandorando-a à denominação merecidíssima de Vila-Museu?

Claro que não. E por isso mesmo aconselhamo-lo a que nas suas próximas férias se desloque a Mértola, entre no edifício camarário daquela bonita terra alentejana que quase beija as serras algarvias, desça os degraus que conduzem à cave, penetre no que resta da residência de um rico comerciante romano, e olhe o passado que cada pedra ou objecto lhe mostra.

Ali existem motivos suficientes para fazer cada um de nós recuar no tempo, centenas e até milhares de anos.

Texto: Inácio de Passos
Fotos: Jorge Godinho

O Museu vai ser aliviado. O Núcleo Romano terá em breve outro "lar"